

Artigo Original

Relações de gênero na formação profissional: desafios no campo da enfermagem*

Gender relations in professional education: challenges in the field of Nursing
Relaciones de género en la formación profesional: retos en el campo de la Enfermería

Samara Raquel de Sousa Rocha^I , Jeferson Barbosa Silva^{II} ,
Gigliola Marcos Bernardo de Lima^{III} , Arthur Alexandrino^{III} ,
Glenda Agra^{III} , Alynne Mendonça Saraiva^{III} 

^I Universidade Federal de Campina Grande, João Pessoa, Paraíba, Brasil

^{II} Universidade de Pernambuco, Petrolina, Pernambuco, Brasil

^{III} Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, Paraíba, Brasil

* Extraído do Trabalho de Conclusão de Curso "Relações de gênero na formação profissional: desafios no campo da Enfermagem" apresentado ao Curso Bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil 2022.

Resumo

Objetivo: compreender a concepção dos estudantes de enfermagem sobre a relação entre gênero e formação profissional. **Método:** pesquisa qualitativa do tipo descritiva exploratória, realizada em uma instituição pública de ensino superior, do interior do estado da Paraíba, com 16 estudantes. Os dados foram obtidos por meio de um roteiro semiestruturado e analisados pela Análise de Conteúdo de Bardin. **Resultados:** a divisão sexual do trabalho, as desigualdades de gênero e as situações de violência, como o fenômeno *Bropropriating* e a hipersexualização do corpo feminino, foram evidenciadas, além dos desafios institucionais e da fragilidade dos docentes na desconstrução das relações de gênero, durante a graduação. **Conclusão:** o estudo evidencia uma situação de desigualdade entre os gêneros, enfatizada pelos graduandos de enfermagem, sinalizando para a necessidade de rearranjo institucional, bem como a sensibilização dos docentes e da comunidade acadêmica para a oferta de uma educação inclusiva, igualitária, pautada na diversidade.

Descritores: Perspectiva de Gênero; Ensino; Estudantes de Enfermagem; Universidades; Sexismo

Abstract

Objective: to understand nursing students' conception about the relationship between gender and professional education. **Methodology:** qualitative research, typified as exploratory-descriptive, carried out in a public institution of higher education in the countryside of the state of Paraíba with 16 students. The data were obtained through a semi-structured script and then analyzed using Bardin's Content Analysis. **Results:** the sexual division of labor, gender

inequalities and situations of violence, such as the *Bropriating* phenomenon and the hypersexualization of the female body, were evidenced, in addition to the institutional challenges and the fragility of teachers in the deconstruction of gender relations during the undergraduate stage. **Conclusion:** the study evidences a situation of inequality between genders, emphasized by undergraduate students of the Nursing course, signaling the need for institutional rearrangement, as well as the sensitization of teachers and the academic community to offer an inclusive and equitable education, based on diversity.

Descriptors: Gender Perspective; Teaching; Students, Nursing; Universities; Sexism

Resumen

Objetivo: comprender la concepción de los estudiantes de Enfermería sobre la relación entre el género y la formación profesional. **Metodología:** investigación cualitativa del tipo descriptiva exploratoria, realizada en una institución pública de educación superior en el interior del estado de Paraíba con 16 estudiantes. Los datos se obtuvieron a través de un guion semiestructurado y se analizaron mediante el Análisis de Contenido de Bardin. **Resultados:** se evidenciaron la división sexual del trabajo, las desigualdades de género y las situaciones de violencia, como el fenómeno *Bropriating* y la hipersexualización del cuerpo femenino, además de los retos institucionales y la fragilidad de los profesores en la deconstrucción de las relaciones de género durante el pregrado. **Conclusión:** el estudio evidencia una situación de desigualdad entre géneros, enfatizada por los estudiantes de pregrado en Enfermería, señalando la necesidad de un reordenamiento institucional, así como la sensibilización de los profesores y de la comunidad académica para ofrecer una educación inclusiva, igualitaria y basada en la diversidad.

Descriptoros: Perspectiva de Género; Enseñanza; Estudiantes de Enfermería; Universidades; Sexismo

Introdução

A Enfermagem consolidou-se por meio do trabalho de mulheres precursoras e continua a ser considerada uma profissão majoritariamente feminina. Desde então, o cuidado é relacionado às características de empatia, sensibilidade, atenção e submissão, que são atribuídas e naturalizadas às mulheres, o que ocasiona uma divisão sexual do trabalho nesse ofício.¹

Por conseguinte, essa imagem estereotipada da Enfermagem interfere tanto nos papéis que homens e mulheres ocupam dentro da profissão, como também no âmbito do cuidado. Ao existir uma divisão sexual, há também entraves no exercício da ocupação, o que leva, conseqüentemente, às desigualdades no desenvolvimento das funções, acarretando na desmotivação, desvalorização e perdas de profissionais com habilidades fundamentais diversas.²

Em virtude desse cenário, no Brasil, 87% das pessoas que exercem a Enfermagem são do sexo feminino. A explicação para esse percentual dá-se pelo fato de a sociedade imputar à profissão a força de trabalho das mulheres, o que impulsiona a repetição de um

preconceito enraizado historicamente. Com isso, é possível observar esse movimento por meio das experiências vivenciadas pelos estudantes universitários, uma vez que estudos confirmam a associação da homossexualidade aos homens que frequentam o curso, assim como a dificuldade de estudantes do sexo masculino realizarem atividades práticas em disciplinas consideradas feminizadas, durante a graduação.³⁻⁴

É válido salientar que, embora a Enfermagem seja predominantemente composta por mulheres, tal aspecto não elimina a presença de dificuldades enfrentadas por elas. Estas já trazem em suas vivências uma história de submissão, por serem consideradas menos fortes e capazes, em diversos aspectos na sociedade, o que influencia diretamente no alcance de mudanças e melhorias.¹

Nesse panorama, ao se conceber a Universidade como um lugar de socialização e formação de profissionais e cidadãos é esperado que não haja perpetuação de estereótipos na formação de seus discentes. Entretanto, percebe-se um cenário no qual ocorre a manutenção desses comportamentos discriminatórios se, por isso, torna-se urgente a desestruturação dessas construções culturalmente naturalizadas e endossadas pelo sistema patriarcal, ainda hegemônico na sociedade, bem como discussões sobre as relações de gênero e revisão dos currículos, valorizando a diversidade e, portanto, mitigando as divisões sexuais das profissões.⁵

Dessa maneira, estudar a relação entre gênero e educação profissional, mostra-se relevante em âmbito científico, posto que ao compreender que a Enfermagem, enquanto profissão, está atravessada pela perspectiva de gênero, permite considerar que esse elemento exerce influência no processo formativo. Em decorrência dessa conjuntura, esta pesquisa tenciona proporcionar reflexões e ações mais simétricas entre os gêneros, no processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, se faz importante discutir sobre as associações entre relações de gênero e a formação profissional e, para tanto, tem-se como objetivo compreender a concepção dos estudantes de enfermagem sobre a relação entre gênero e formação profissional.

Método

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo descritiva e exploratória. A população do estudo compõe-se por estudantes do curso de

bacharelado em Enfermagem, de uma instituição pública de Ensino Superior, localizada em um município do estado da Paraíba, Brasil. Foram incluídos no universo da pesquisa estudantes maiores de 18 anos, de ambos os sexos, com matrícula ativa no curso de graduação, sendo excluídos aqueles que tivessem efetuado o trancamento do curso ou estivessem de licença saúde ou maternidade, no momento da pesquisa.

O curso de bacharelado em Enfermagem, da referida instituição, conta com uma matriz curricular distribuída entre 10 períodos, os quais totalizam um tempo mínimo de formação de 5 anos. A seleção dos participantes da pesquisa foi realizada por meio de sorteio, a partir do acesso à lista de estudantes de cada período do curso, obtida na coordenação. Foram selecionados um discente do sexo feminino e um do sexo masculino, por cada período do curso, com exceção daqueles matriculados no primeiro e no décimo período do curso. Essa particularidade é explicada porque no primeiro período, os (as) estudantes ainda estão em processo de adaptação e reconhecimento; já os (as) discentes que compõem o último período estão em trâmites finais dos estágios obrigatórios, que, geralmente, são desenvolvidos em outras cidades.

A coleta de material empírico aconteceu entre abril e maio de 2021, em datas e horários previamente agendados e conforme a disponibilidade de cada participante, por meio de contato via e-mail ou ligação telefônica. Devido às medidas restritivas de distanciamento social por causa da pandemia da COVID-19, as entrevistas foram realizadas por meio de videochamadas, via *Google Meet*, a partir de um roteiro de perguntas semiestruturadas, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi anexado em formato de formulário on-line de aplicativo de gerenciamento de pesquisas.

As perguntas direcionadas aos participantes foram formuladas de acordo com os objetivos da pesquisa, a saber: Para você, existe relação entre gênero e a Enfermagem? Como você explica essa relação? Há diferenças entre homens e mulheres no exercício profissional da Enfermagem? Você já presenciou situações nas quais essas diferenças se mostraram evidentes? Como se sentiu em relação a elas? Relate quais os obstáculos que você encontra, enquanto mulher/homem, para exercer a Enfermagem durante a graduação. Em sua concepção, existem situações proporcionadas pela graduação que perpetuam esses obstáculos?

Os resultados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin,⁶ que propõe uma interpretação aprofundada das mensagens obtidas além do discurso aparente, organizados a partir das seguintes etapas: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados, inferência e a interpretação. Durante a primeira etapa, realizou-se a leitura do material coletado, o que possibilitou construir as ideias norteadoras e selecionar os depoimentos de cada participante com base nos objetivos propostos. Na segunda etapa, o material empírico produzido foi explorado destacando-se as unidades de registro, por meio da seleção de regras de contagem e das categorias, sendo determinados os temas que seriam investigados. A última etapa efetivou-se a partir da interpretação dos discursos, definindo as interferências e buscando o que está oculto no texto e o seu significado real.⁶

Convém ressaltar que o desenvolvimento deste estudo foi norteado pela Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, tendo a aprovação do Comitê de Ética por meio do Parecer nº 4.629.358, em 05 de abril de 2021. A participação foi voluntária e assegurada pelo TCLE, bem como as informações coletadas durante a entrevista foram de uso exclusivo do pesquisador responsável, sendo utilizados apenas para fins do estudo, preservando o anonimato dos dados e dos(das) participantes, garantindo, assim, o sigilo e a privacidade dos indivíduos. Para tal, cada discente foi identificado com a letra E (estudante), seguida da letra M (masculino) ou F (feminino), ao sexo autodeclarado durante a entrevista e numeração correspondente à ordem das entrevistas.

Resultados

A pesquisa foi composta por 16 estudantes de Enfermagem, dos quais 50% eram do sexo masculino e 50%, do sexo feminino. Os (As) discentes concentraram-se na faixa etária entre 19 e 24 anos, o que totalizou 87,5%; 12,5% estavam nas faixas entre 25 e 30 anos, e a idade média foi de aproximadamente 22,6 anos. A maioria advinha do estado do Rio Grande do Norte (43,8%), seguido pelo estado da Paraíba (37,5%), e de outros estados (18,7%).

Na sequência, para empreender a análise do material, os resultados foram estruturados em uma categoria, denominada “Feminilidades e Masculinidades: um olhar voltado para a formação profissional em Enfermagem”, a qual foi dividida em duas

subcategorias: “Entre privilégios e preconceitos: as desigualdades de gênero na formação profissional” e “Construções de gênero na universidade: perspectivas de estudantes de Enfermagem”.

Feminilidades e masculinidades: um olhar voltado para a formação profissional em enfermagem

Nesse ínterim, quando questionados sobre a existência da relação entre gênero e Enfermagem, a maioria dos participantes remeteu à associação da construção de gênero na sociedade e sua influência da profissão.

A enfermagem tem como uma das precursoras uma mulher que foi Florence, tem também entrelaçada a questão da enfermagem ao cuidado, propriamente associado à figura feminina, a gente observa isso até dentro do nosso domicílio, o cuidado geralmente é determinado à mulher, para mãe e não para o pai. [...]. (EM3)

A enfermagem é composta mais pelo sexo feminino [...] e a nossa profissão, eu acredito, que o fato de não ser valorizada, infelizmente é por ser composta por mulheres. (EF6)

As falas de EM3 e EF6 demonstram o conhecimento dos/das participantes sobre a divisão sexual existente na sociedade, na qual o papel da mulher é direcionado ao cuidado doméstico e não remunerado. Ademais, os (as) participantes mencionam a Enfermagem como uma profissão associada à figura feminina e aos estigmas e estereótipos enraizados.

Entre privilégios e preconceitos: as desigualdades de gênero na formação profissional

A partir dos depoimentos, é possível perceber o impacto da desigualdade de gênero, na sociedade e no processo de trabalho da Enfermagem, como geradores de desvalorização e preconceito.

Os relatos [...] dos meninos em relação a sofrer preconceito por ter escolhido essa área de atuação, como se isso diminuísse a masculinidade deles. (EF16)
[...] ter um homem dentro da equipe de enfermagem se torna mais fácil [...] O homem [...] é uma pessoa mais viril, ele tem mais força em relação à mulher. (EM5)

Eu sou homem hétero, eu sou privilegiado, mas a gente vê algumas situações de eu estar me colocando na situação de fala em que não sou afetado por quase nenhuma situação de preconceito. É mais a questão de conseguir construir uma segurança, com os próprios usuários da Saúde de se sentirem à vontade mesmo. (EM13)

Acho que quando a gente parte para a área administrativa, tem um pouco de preconceito que gira em torno da gente ser mulher, de não ter capacidade administrativa suficiente [...] tudo é mais difícil. (EF16)

Frente ao exposto, os estudantes evidenciam o preconceito vivenciado ao escolher uma profissão presumida feminina, como se, ao ingressarem em um curso de formação majoritariamente feminino, caracterizasse algo que interfira na virilidade e na autoafirmação da masculinidade. Em contrapartida, o (a) participante EF16 menciona que privilégios atribuídos ao homem incorrem em dificuldade de reconhecimento da capacidade e da inteligência das mulheres.

Outros trechos evidenciam, além das desigualdades de gênero, a produção de violências, mais especificamente, a erotização da profissão.

Procedimentos que requerem que o paciente esteja em nudez [...] Jos pacientes ainda confundem um pouco?! A enfermeira está ali, bonita, enfermeira gostosa, essas coisas [...]. Eu acho que são os obstáculos, são situações de assédio. (EF10)
Eu acredito que a mulher não tem tanta credibilidade [...] tem um pouco de dificuldade de se impor, de ser levada a sério. Dentro da minha vivência [...] já presenciei a enfermeira dizer uma coisa e o médico dizer outra e aquilo que a enfermeira falou está correto, mas foi levado em conta o que o homem falou. Acho que até pelo fato dele ser médico, mas também pela figura masculina nessa posição que naturalmente existe, culturalmente existe. (EF8)
[...] eu imaginaria que alguns problemas que eu poderia enfrentar no meu estágio ou algum trabalho seria a questão de assédio, receber menos por causa disso, mas como eu sou homem eu não me preocupo muito com isso não, porque eu sei que isso não vai acontecer [...] por ser homem [...] eu não me preocupo com essas coisas sobre gênero [...]. (EM9)

A situação mencionada pelos estudantes remete à desvalorização da mulher em diferentes âmbitos, nos quais se destacam situações de violência vivenciadas diariamente. Averigua-se, também, o processo de hipersexualização do corpo feminino e a desvalorização da fala da mulher. Contudo, mesmo diante dessas situações, percebe-se o desinteresse sobre a importância da luta pela igualdade de gênero por parte dos estudantes do sexo masculino, já que o sistema os privilegia, segundo depoimento de EM9.

Construções de gênero na universidade: perspectivas de estudantes de enfermagem

Continuamente, é possível depreender, por meio dos depoimentos, que a maioria refere a um cenário de pouca discussão de gênero na universidade, situação que perpetua tais desigualdades.

Hoje, enquanto graduando, a gente identifica o problema, mas não consegue quebrar [...] não temos orientação dos próprios professores [...]. (EM3)

Minha turma sempre teve poucos homens e tinha um homem que [...] o professor da disciplina colocava [...] sempre como preferido da turma [...] quando uma menina falava uma coisa e ele falava a mesma coisa com palavras diferentes, era o que ele falava que era aceito. (EF4)

[...] tem muita gente que ainda passa pela graduação assim com bastante dúvida e preconceito também. (EF2)

Acho que as pessoas não discutem isso a nível acadêmico, essas discussões são mais pontuais [...] a gente vê isso [desigualdades] saindo das paredes da Universidade, chegando nos campos de trabalho [...]chegando a níveis dos nossos representantes maiores [...] eu acho que isso não é discutido na graduação e acaba indo para toda a nossa realidade enquanto enfermagem. (EF4)

Eu acho que o aluno do sexo masculino acaba perdendo [...] E a pessoa que está recebendo cuidado vai criando mais obstáculos ainda e os professores dizem 'Ah porque é homem. E o paciente tem direito a não querer ser cuidado por homem.', mas assim não tenta aprofundar e conversar a respeito. (EF10)

Perante os depoimentos, constata-se a fragilidade da discussão sobre gênero durante a formação acadêmica, em que os debates são pontuais e as desigualdades perpetuadas a partir de condutas de professores, que privilegiam a fala do estudante do sexo masculino em detrimento da fala da estudante do sexo feminino, cenário que fomenta a cultura de gênero.

Discussão

Desde a Antiguidade, a sociedade estabelece os papéis sociais femininos e masculinos. Nessa perspectiva, a mulher ocupa um espaço de submissão ao homem, exercendo função de cuidado doméstico e reprodutivo, a partir de práticas aprendidas e reforçadas desde a infância, durante as brincadeiras, o que perpetua e fortalece a construção de estereótipos. Toda essa domesticação fomenta uma atmosfera de desigualdade, que se instaura com o

passar dos anos e perdura até os dias atuais, consolidada por uma cultura patriarcal e misógina, historicamente estabelecida na sociedade.⁷

No curso da história, a tradição social aludia às mulheres como responsáveis pelo cuidado do lar, da família e do marido, sem remuneração e sem direitos, enquanto ao homem era designado o poder de decisões políticas, religiosas, sociais e culturais, situações essas que eram legitimadas pelas leis.⁸ É, pois, nesse contexto que a Enfermagem surge, alicerçada na ideia de que a mulher teria as condições naturais necessárias para exercer o cuidado com maestria, por meio do zelo, do carinho e da docilidade, atributos que fazem parte dos estereótipos existentes, da ideia de uma profissão sempre associada à figura feminina.⁹

Entretanto, a Enfermagem constitui uma rara exceção mundial, na qual as teorias e as bases profissionais foram criadas, na sua maioria, por mulheres, que, atualmente, são reconhecidas como pioneiras da Ciência do Cuidar, a exemplo de Florence Nightingale, Ana Néri, Wanda de Aguiar Horta, dentre outras. Desse modo, a Enfermagem se estabelece como profissão que proporciona remuneração salarial e independência financeira às mulheres.⁹

Todavia, mesmo consolidada como uma profissão regularizada por Lei, com remuneração salarial, a Enfermagem ainda é desvalorizada e invisível em âmbito social, visto que ocorre em seu interior a desvalorização do trabalho feminino devido às questões de gênero pré-estabelecidas historicamente, nas quais o cuidado e a profissão eram/são atribuídos somente às mulheres.¹⁰

Por conseguinte, na esfera da Enfermagem, por ser considerada uma profissão feminina, muitos homens encontram dificuldades ao escolher ingressar por esse caminho, consoante retratado nos depoimentos dos estudantes, muitas vezes discriminados, principalmente, por outros homens, e questionados sobre a sua orientação sexual por não seguirem a hegemonia presente na sociedade, deixando de optar pelas carreiras consideradas masculinizadas.¹¹

É possível verificar, na literatura, que os homens que ingressam nessa carreira profissional são direcionados aos cargos de direção e chefia, nos quais são reservadas as melhores posições hierárquicas, como também, aos cargos de especialidades que exigem maior esforço físico e em que são valorizados pelas características de

racionalidade, virilidade e força, presumidas inerentes ao homem. Fato, muitas vezes, justificado pela cultura machista enraizada, na qual o homem é considerado superior à mulher, seja na capacidade física ou intelectual.¹² Esse dado pode ser identificado em alguns relatos desta pesquisa, nos quais um dos estudantes se coloca em posição superior à mulher, quando remete aos atributos considerados masculinos e que, por esse motivo, há a necessidade da presença de um homem na equipe de enfermagem.

Assim, o reconhecimento de privilégios concedidos ao homem, por parte dos estudantes do sexo masculino, é percebido nos depoimentos do presente estudo. Não obstante, ao mesmo tempo em que se reconhece a situação, não há uma reflexão aprofundada sobre a desigualdade de gêneros. Analogamente, outro estudo encontra resultado semelhante ao questionar acerca das relações de gênero, no qual os homens costumam ser diretos e menos discursivos, posicionamento que demonstra que os homens podem estar mais conscientes de seus privilégios, embora não queiram perdê-los, por isso continuam naturalizando-os como se fossem intrínsecos à condição masculina. Essa postura contribui para a manutenção e a reprodução da lógica patriarcal e machista, atuando de maneira mais sutil e disfarçada.¹³⁻¹⁴

Tais privilégios são imputados pela heteronormatividade, o que torna o homem hipervalorizado e superior à mulher, rotuladas como incapazes e frágeis, e, por isso, desimportantes socialmente.⁸ Isso acontece devido ao processo de feminização da profissão, em que mesmo inserida no meio do trabalho, a mulher ainda é desvalorizada pela sua mão de obra, aspecto decorrente do ingresso massivo de mulheres no mercado de trabalho, acompanhado pela baixa remuneração e pouco prestígio social.¹³⁻¹⁵

Ademais, existe uma inferiorização de trabalhos realizados, em sua maioria, por mulheres, como a profissão de Enfermagem. Esse cenário resulta da relação entre capitalismo e patriarcado, na qual a mulher obtém a permissão de executar uma mão de obra que, anteriormente, não era permitida, sendo apropriada pelo capitalismo, que geria o processo de trabalho eivado de desvalorização, seja da remuneração, seja de reconhecimento.¹⁶

Isto posto, a falta de reconhecimento da mulher resulta em baixa empregabilidade ou, até mesmo, em dificuldades de se estabelecerem em níveis hierárquicos de organizações, ou por não serem designadas para ocupar cargos administrativos, ou por encontrarem

resistência de permanência, devido à dificuldade na legitimação da sua fala,¹⁷ como se observa nos depoimentos dos participantes deste estudo.

Corroborando essas ideias, em um outro estudo, ao se entrevistar a população atendida pela Atenção Básica de Duque de Caxias, constatou-se que a maioria das mulheres demonstrava apreensão quando se referia ao trabalho da enfermeira em atividades administrativas. Embora soubessem do conhecimento técnico e científico que as profissionais detinham, as informantes consideravam que as enfermeiras não estariam aptas aos cargos de direção dos serviços. Assim, verifica-se que, embora a mulher tenha alcançado avanços e se capacite em sua área de conhecimento, ainda existe, na sociedade, uma visão de mundo que é preconceituosa quanto à capacidade e à competência profissional desses sujeitos sociais.¹⁸

Arelado a esse panorama, existe ainda a hipersexualização do corpo da mulher, observada constantemente nas mídias, nas fantasias carnavalescas, nas artes, nas fotografias, no cinema e nas propagandas, em que são retratadas sempre sob o olhar masculino, que enfatiza a mulher sensual e *sex appeal*. Desse modo, como a Enfermagem é composta, em sua maioria, pelo gênero feminino, as mulheres tornam-se vítimas de situações de violência, posto que foram construídos estereótipos, repleto de sensualidade e *sex appeal*, os quais foram norteados pelo modelo patriarcal de objetificação de erotização do corpo da mulher, historicamente enraizado.¹⁹ Essas concepções, muitas vezes, desencadeiam situações de assédio e importunação sexual, o que prejudica a relação do paciente com a profissional, configurando uma visão de mundo equivocada. Nesta pesquisa, observou-se que o depoimento de um dos participantes reproduz esse mesmo discurso.

Tal fato ainda é percebido na mídia que colabora para esse imaginário popular. Recentemente, em nota, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) manifestou-se contra uma atriz que compartilhou uma foto na qual usava uma fantasia de “enfermeira sexy”, situação que direciona para a erotização da profissão. O COFEN denominou a atitude como um desserviço às mulheres e destacou que a conotação sexual é inaceitável, visto que o Brasil é um país altamente machista e violento como gênero feminino. Outrossim, a nota ressaltou que 85% dos profissionais de Enfermagem são do sexo feminino e que quase todas já sofreram algum tipo de assédio, o que torna a

atitude ainda mais infeliz, uma vez que esse tipo de prática fomenta que os corpos femininos permaneçam subalternizados e o machismo continue sendo reproduzido dentro das práticas laborais, por meio da erotização da profissão.^{14, 20}

Nessa senda, outra situação de violência enfatizada nos depoimentos trata da subordinação dos profissionais de enfermagem aos médicos. Assim, mesmo detendo conhecimento técnico e capacidade para tomada de decisões, os(as) enfermeiros(as) são submetidos(as) à decisão do médico, posto que sua fala se torna desvalorizada no contexto assistencial. Nesse sentido, é urgente frisar que estudos evidenciam que esse conflito se mostra real no dia a dia de trabalho, tal como uma espécie de competição profissional. Todavia, convém salientar que entre as profissões da área de saúde, a medicina detém o poder sobre as demais, fato que é reforçado pelo Ato Médico,²¹ e também se verifica no depoimento do participante da presente pesquisa.

Ademais das situações mencionadas, existe, ainda, a presença da linguagem sexista no cotidiano da vida das mulheres, que acontece de forma banalizada e silenciosa na sociedade, sobretudo, nos comportamentos e atitudes machistas, conforme identificado neste estudo. O fenômeno evidenciado chama-se *Bropropriating*, termo em inglês, usado para definir situações nas quais a mulher expõe sua ideia e não é ouvida, entretanto, o homem apropria-se da ideia de autoria feminina, assume a palavra, repete exatamente o que foi dito, é ouvido e parabenizado pelo discurso. Tal acontecimento é caracterizado pela desconsideração do protagonismo da mulher e anulação da legitimidade de sua fala.²²

Frente ao exposto, apesar dos avanços alcançados, entende-se que as desigualdades e as violências atreladas ao gênero continuam a se perpetuarem. Ainda existe diferença salarial, discriminação e desproteção no trabalho para as mulheres, o que fere o direito à igualdade e, dessa forma, atua como uma violação à dignidade da pessoa.²³ Tal situação é relatada por um estudante do sexo masculino, contudo, percebe-se o desconhecimento, ou o desinteresse, sobre a importância da luta pela igualdade de gênero. Essa indiferença evidencia o desejo de não romper com as práticas e discursos machistas, já que não há reais intenções de alterar os privilégios masculinos e a subordinação das mulheres, cenário que, conseqüentemente, garante a manutenção da dominação masculina e das práticas patriarcais.

A percepção desse tipo de postura denota a urgência de discussão e de problematização das desigualdades de gênero dentro da universidade, para que pensamentos e comportamentos como esses não se perpetuem no futuro. Essa fragilidade pode estar relacionada às escassas discussões sobre as relações de gêneros no ambiente universitário, que, enquanto local de transformação social, deveria ser um ambiente de discussão, orientação e desconstrução de estereótipos, porém, o que se constata é uma instituição social reprodutora do modelo patriarcal prevalente na sociedade.²⁴

Nesta investigação, os (as)estudantes retratam uma realidade que ainda é comum. Nesse sentido, pontua-se um estudo no qual os planos dos cursos apresentam ausência de disciplinas que viabilizem debates sobre gênero e sexualidade, reforçando e reproduzindo os padrões de gênero existentes entre os acadêmicos.⁵

Com isso, no campus onde foi realizada esta pesquisa, a realidade mostra-se distinta, posto que existem disciplinas que abordam as discussões de gênero, ainda que de forma sutil, tais como: “Bases teóricas de Enfermagem na saúde da mulher”, “Enfermagem na saúde do homem” e “Mulheres, saúde e diversidade”, que abordam, de maneira direta, as desigualdades de gênero. Destaca-se que a disciplina “Mulheres, saúde e diversidade” é de caráter optativo na grade curricular do curso de Bacharelado em Enfermagem.

À continuidade, em outro depoimento, uma participante desta pesquisa enfatiza um cenário no qual a relação de gênero interfere nos campos de trabalho e nas representações institucionais, a exemplo da própria universidade. Pesquisas revelam que há uma inserção tardia das mulheres em cargos de gestão no Ensino Superior, e que geralmente enfrentam dificuldades relacionadas ao reconhecimento, à atuação e à credibilidade no trabalho. Estes enfrentamentos ocorrem, principalmente, na relação com os colegas do sexo masculino, em virtude das distintas maneiras mobilizadas não somente para intimidar e secundarizar as funções desenvolvidas pelas gestoras, como também de duvidar de suas competências para estar nos cargos de liderança.^{25-27.}

Ademais, esse desconhecimento sobre as relações de gênero, por parte dos professores, ocasiona situações de violência de gênero na própria sala de aula, tal como mostra o depoimento do participante, em que fica evidente o fenômeno *broapriating*. Por motivos como esse, as dificuldades em discutir gênero nas Universidades são contínuas, visto que essas instituições estão incluídas em um modelo social patriarcal,

machista e misógino, que reproduz tais valores.⁹ Em tempo, sublinha-se que essas instituições se ausentam em assumir o protagonismo que possuem na transformação cultural e social, sendo urgente enfatizar que existe uma lacuna na abordagem e discussão do tema, apresentando-se de forma limitada pelos docentes, haja vista o padrão cultural e social no qual estão inseridos.²⁸

Porquanto, a falta de orientações por parte dos professores, exposta por meio do depoimento do participante, pode ser explicada pelo fato de que muitos docentes têm receio e insegurança em abordar a referida temática na sala de aula. Tal postura pode ser justificada pela ausência da formação necessária sobre o assunto ou, até mesmo, pelos próprios estigmas, preconceitos e convicções particulares, que podem ocasionar resistência.²⁹

Essas situações são apenas alguns dos reflexos encontrados devido às construções sociais de gênero. Os discursos retratam dificuldades enfrentadas pelos estudantes do sexo masculino que ingressaram em uma profissão considerada feminina, pela sociedade, corroborando com um outro estudo em que estudantes da graduação identificaram empecilhos, principalmente, na área de ginecologia, bem como, o preconceito ao relacionar o enfermeiro à homossexualidade.⁴

Nesse ínterim, elenca-se algumas limitações deste estudo, quais sejam: com a pandemia da COVID-19, a pesquisa foi realizada virtualmente, o que limitou a fator a captação de expressões e sentimentos dos participantes; ademais, restringe-se a um cenário local, de uma cidade do interior no Estado da Paraíba, que apresenta suas particularidades socioculturais e regionais e, com isso, passível de influências; e, os trechos dos depoimentos elencados refletem subjetividades e interpretações individuais dos(das) participantes, por isso não há uma conclusão definitiva e sim possibilidades para o encadeamento de diálogos e de produções sobre a temática. Sugere-se, desse modo, que as investigações se estendam a outros cenários, a fim de conhecer outras realidades.

Diante disso, faz-se pertinente que esses estereótipos de gênero sejam desconstruídos a partir de diálogos e reflexões diante do saber-fazer da Enfermagem. É importante que as disciplinas, os eventos e as reuniões ampliem a visão da dimensão biológica, muitas vezes dominante nos cursos de saúde, e integrem possibilidades de discussões pautadas nas condições socioculturais da população e da formação

profissional. Como contribuição, acredita-se que esta pesquisa possa enriquecer as ponderações sobre a necessidade de reformulação dos projetos pedagógicos dos cursos, a partir da construção e avanços epistemológicos, bem como incentivar avaliações a respeito da prática social da Enfermagem, enquanto profissão.

Conclusão

Os resultados demonstraram uma situação de desigualdade de gênero associada ao estereótipo feminino, que se perpetua durante a graduação de Enfermagem, de maneira que o processo de feminização existente nessa da profissão foi averiguado neste estudo. Situações de preconceito, violência e dificuldades impostas pela sociedade ao gênero feminino são colocadas pelos estudantes, o que revela uma situação desigual prolongada em diferentes âmbitos. Contudo, a percepção sobre essas desigualdades é mais relatada pelas discentes mulheres, o que confirma que os estudantes do sexo masculino ainda têm uma visão machista e estereotipada.

Outrossim, nesse estudo foram encontradas situações de desafios institucionais, como a fragilidade dos docentes na desconstrução das desigualdades de gênero, corroborando para a perpetuação da situação. Portanto, os resultados sinalizam a necessidade urgente em melhorar a preparação dos docentes, a fim de utilizar o campo universitário como local de transformação, bem como combater estereótipos, contribuir e estimular à igualdade de gênero na sociedade, por meio da realização da tríade universitária.

Referências

1. Cleary M, West S, Arthur D, Kornhaber R, Hungerford C. Women in health academia: Power dynamics in nursing, higher education and research. *J Adv Nurs*. 2019;75(7):1371-3. doi: 10.1111/jan.13999
2. Carlsson M. Self-reported competence in female and male nursing students in the light of theories of hegemonic masculinity and femininity. *J Adv Nurs*. 2019;76(1):191-8. doi: 10.1111/jan.14220
3. World Health Organization (WHO). State of the world's nursing report - 2020 [Internet]. Geneva (CH): WHO; 2020 [cited 2022 Apr 23]. Available from: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240003279>

4. Vidal PA, Queiros ES, Lima Junior ES. Discussões de gênero do enfermeiro no campo profissional. *Foco (Vila Velha)* [Internet]. 2023 Aug 17 [acesso em 2024 ago 20];16(8):e2443. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/2443>
5. Huggías S, Celeste Juncal L, Ximena Guerbi M. Breve análisis con perspectiva de género sobre la educación universitaria. *Trayectorias Univ.* 2022 sept 16;8(14):105. doi: 10.24215/24690090e105
6. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Almedina: Edições 70; 2020.
7. Sales LEL, Faria BEM. A mulher no mercado de trabalho: um estudo de caso na empresa Maria Pinheiro. *Altus Ciênc.* 2022;14(14):182-202. doi: 10.5281/zenodo.6366137
8. Catani LO, Silva JB. Políticas públicas contra o machismo como instrumento viabilizador de reconhecimento e efetivação da cidadania feminina. *Rev Húmus* [Internet]. 2017 [acesso em 2022 abr 28];7(20). Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6756>
9. Carmo KM, Silva EF, Lima MARM, Oliveira PS, Moura RF. Perfil da enfermagem brasileira sob a perspectiva de classe, gênero e raça/cor da pele. *CED.* 2024 mar 05;16(3):e3549-9. doi: 10.24215/24690090e105
10. Gugel SCR, Duarte CS, Lima APL. Valorização da enfermagem brasileira: analisando aspectos históricos e de gênero. *Nursing (São Paulo).* 2020;23(264):3930-3. doi: 10.36489/nursing.2020v23i264p3930-3937
11. Santos LM. Male nursing practitioners and nursing educators: the relationship between childhood experience, social stigma, and social bias. *Int J Environ Res Public Health.* 2020 Jul 09;17(14):4959. doi: 10.3390/ijerph17144959
12. Nogueira CM, Passos RG. A divisão sociosexual e racial do trabalho no cenário de epidemia do COVID-19: considerações a partir de Heleith Saffioti. *Cad CRH.* 2020;33:e020029. doi: 10.9771/ccrh.v33i0.36118
13. Silva MZ, Ames AC, Giordani MS. Discriminação salarial de gênero e a percepção dos agentes: análise na profissão de controller. *Rev Cat Ciênc Contáb.* 2020;19:1-18. doi: 10.16930/2237-766220202908
14. Voks DJ, Silva VV. A manutenção do patriarcado através da imagem de um novo homem na Revista Claudia (Década de 1990). *Fronteiras (Dourados);*24(44):224-39. doi: 10.30612/frh.v24i44.16522
15. Macedo RM. Resistência e resignação: narrativas de gênero na escolha por enfermagem e pedagogia. *Cad Pesqui.* 2019;49(172):54-6. doi: 10.1590/198053145992
16. Silva GTR, Almeida DB, Oliveira NL, Laitano ADC, Santos VPFA, Queirós PJP. Estudos sobre a imagem das enfermeiras: cinco décadas entre a imagética e suas repercussões. *Esc Anna Nery.* 2020;24(4):e20200063. doi: 10.1590/2177-9465-EAN-2020-0063
17. Rodrigues Júnior EW, Rodrigues AC, Silva IAR, Ferreira GM. A inserção da mulher no mercado de trabalho na área da tecnologia. *Rev Eletrônica Fac Invest Ciênc Tecnol* [Internet]. 2021 [acesso em 2023 maio 20];3(1):1-17. Disponível em: <http://revista.institutoinvest.edu.br/index.php/revistainvest/article/view/32>
18. Ribeiro DFS, Gaspar DRFA, Santos LP, Silva MBT. The nurse's professional identity on the Primary Health Care Users perception. *Rev Bras Enferm.* 2022;75(3):e20200974. doi: 10.1590/0034-7167-2020-0974

19. Poiares IR, Ribeiro MB. Representação social da enfermeira no Brasil contemporâneo. Rev Vernáculo. 2019;44:10327. doi: 10.5380/rv.v0i44.60611
20. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Erotização da Enfermagem é desserviço às mulheres e estimula violência sexual [Internet]. Brasília (DF): Conselho Federal de Enfermagem; 2021 [acesso em 2022 abr 28]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/erotizacao-da-enfermagem-e-desservico-as-mulheres-e-estimula-violencia-sexual_93068.html
21. Pursio K, Kankkunen P, Sanner-Stiehr E, Kvist T. Professional autonomy in nursing: an integrative review. J Nurs Manag. 2021;29(6):1565-77. doi: 10.1111/jonm.13282
22. Silva TC, Medeiros PM, Hanazaki N, Fonseca-Kruel VS, Hora JSL, Medeiros SG. The role of women in Brazilian ethnobiology: challenges and perspectives. J Ethnobiol Ethnomed. 2019;15(1):44. doi: 10.1186/s13002-019-0322-3
23. Cordeiro Neto AF, Guimarães I, Oliveira LL. Mulher no mercado de trabalho: ensino superior e construção de plano de carreira em João Pessoa. ReCaPe. 2022;12(1):54-81. doi: 10.23925/recape.v12i1.48035
24. Maito DC, Panúncio-Pinto MP, Severi FC, Vieira EM. Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade. Interface (Botucatu). 2019;23. doi: 10.1590/interface.180653
25. Corrêa RLT, Oliveira M. Mulheres gestoras universitárias: perfil e enfrentamentos (2010-2020). Cad CEDES. 2024;44(122):94-105. doi: 10.1590/CC271188
26. Bublitz S, Beck CLC, Silva RM, Sturbelle ICS. Perfil dos enfermeiros docentes atuantes em programas de pós-graduação "*stricto sensu*" de instituições públicas. Rev Enferm UFSM. 2019;9(e5):1-15. doi: 10.5902/2179769231556
27. Tait MM, Feltrin R, Souza G. Brecha de género en la ciencia en tiempos del COVID-19: una visión general de Brasil. Redes (Bernal). 2021;26(51). doi: 10.48160/18517072re51.49
28. Lima ACS, Alves MJH, Pereira EV, Pereira AP, Albuquerque GA, Belém JM. Gênero e sexualidade na formação de enfermeiros no ensino superior público brasileiro: estudo documental. Rev Enferm Cent-Oeste Min. 2021 jul 23;11. doi: 10.19175/recom.v11i0.3877
29. Rossi JPG, França FF. A metodologia WEBQUEST no contexto das questões de gênero: experiências de educadoras em debate. Rev Interfaces Educ. 2020;11(32):213-43. doi: 10.26514/inter.v11i32.4492

Contribuições de autoria

1 - Samara Raquel de Sousa Rocha

Autor Correspondente

Enfermeira – samararaquel308@gmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

2 - Jeferson Barbosa Silva

Enfermeiro, Doutor – jefersonbs1807@gmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito

3 – Gigliola Marcos Bernardo de Lima

Enfermeira, Doutora – gigliolajp@hotmail.com

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito

4 – Arthur Alexandrino

Enfermeiro, Mestre – alexandrinoarthurdm@gmail.com

Revisão e aprovação da versão final

5 – Glenda Agra

Enfermeira, Doutora – g.agra@yahoo.com.br

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

6 – Alynne Mendonça Saraiva

Enfermeira, Doutora – alynne.mendonca@professor.ufcg.edu.br

Concepção e/ou desenvolvimento da pesquisa e/ou redação do manuscrito; Revisão e aprovação da versão final

Editor-Chefe: Cristiane Cardoso de Paula

Editor Associado: Silviamar Camponogara

Como citar este artigo

Rocha SRS, Silva JB, Lima GMB, Alexandrino A, Agra G, Saraiva AM. Gender relations in professional education: challenges in the field of Nursing. Rev. Enferm. UFSM. 2024 [Access at: Year Month Day]; vol.14, e19:1-17. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179769285481>